

inversão do açúcar¹
(ou como fazer soro para curar uma ferida histórica)

Maria Eugênia Matricardi

¹ (...) as páginas que aqui seguem são um fragmento da dissertação de mestrado "*ações, políticas estéticas, heterotopias nômades : lugares possíveis*" orientada pela profa. Dra. Maria Beatriz de Medeiros, no qual apresenta-se considerações sobre a ação "inversão do açúcar (ou como fazer soro para curar uma ferida histórica)" realizada ao longo de aproximadamente 3 horas em Trancoso, Bahia no decorrer da Mostra Osso Latino Americana de Performances Urbanas- II MOLA

(...)

Começo da ferida, sal jogado em cima. Da cara lambuzada de melado metida dentro do formigueiro. Do que é duro. Do que é doce (SERRES, 2001). Duro do real, ficção compartilhada, fatos, falésias, camadas de tempo, pele geológica, subdesenvolvimento, ferida histórica reatualizada, rastro de açúcar branco, embarcações, mestiçagem, genocídio, o que nos torna, em torno moldado, ponta de metal, erro, pólvora, zunido de flechas, etnocídio, chicote cortando ar, som abrindo costas. Concha vazia, mar rebentando pedras.

Do que é doce, discursos, linguagem, signos, não as coisas em si: pura sacarose. Fomos descobertos, cubos de açúcar branco, anestesia. Para tanto, temos rapadura, dura e doce ao mesmo tempo, mistura.

Costa do descobrimento, Bahia, Trancoso. Mar azul. Conexão. Transplante. Dobra. Pororoca barroca. Caravelas marinhas flutuando no imenso azul com tentáculos venenosos armadilhando pequenos peixes. Porões ecoando cantos yorubás por Yemanjá. Velas comendo vento. Língua doce lambendo relevos, aplanando duramente a paisagem de singularidades para constituir outras. Mudanças de cana-de-açúcar. Embarcações, não as embarcações piratas prenhas de inusitado. Mas sim, aquelas caravelas instaurando heterotopias de crise, tingindo a terra de vermelho, em busca do ouro branco que adoça a língua e do ouro amarelo que ofusca os olhos.

Cacos de espelho em troca de pau-brasil? Virtualidade unilateral refletida, utópico sonho do açúcar: sonhos brancos por pólvora negra, eis a troca. Estilhaços. Vidas. Línguas indígenas que nunca escutaremos. Lugares que nunca conheceremos.

Ferida histórica, duro.

pg. 115

Tempos enroscados, nó profundo. Sem fim. A ferida acidentando enunciados corporais por via da poética do encontro (FIADEIRO & EUGÊNIO, 2012). Da purulência reconstituem-se os poros, vibra o corpo, sem ontologia definida. Arquitetura genética mista, frestas, lugares de re-existência. Rapadura, dura e doce, de cana colhida e plantada por mãos negras em solo de indígenas dizimados. Aprendizado de autonomia, economia de escambo em detrimento do progresso colonizador de desejos, história e pensamentos. Tornar o duro permeável. Roçar, adoçar as vias, recontar a história, estória, a partir da escuta e reverberar o outro do outro, das outras.

Inversão do açúcar (ou como tentar curar feridas históricas) foi uma ação realizada na Mostra Osso Latino Americana de Performances Urbanas-II MOLA. Essa mostra é produzida pelo coletivo Osso da Bahia, formado por Rose Boaretto, Dani Félix, Thiago Sant'Ana Lucas Moreira, João Matos e Tuti Minervino. A nau pirata, mestiça, nômade, trouxe dez pessoas da equipe de produção do evento, que inclui a ossatura do coletivo, mais a participação do ZMário, Fernanda Félix na produção e registro de Pam Guimarães. Infiltram por frestas cartilaginosas e flexíveis outras 12 pessoas para disparar ações: Thiago Sant'Ana (BA), Laís Guedes (BA), Lucas Moreira (BA), George Sander (SP), Sara Panambi (SP/RJ), Maria Eugênia Matricardi (MT/DF), Mariana Picart Motuzas (Uruguai), Juan Montelpare (Argentina/ Equador), Diana Daf (Peru), Aníbal Sandoval (Chile), Luís Eduardo Martínez (Argentina), Tzitzí Barrantes (Colômbia). A proposta da curadoria do evento, feita por Rose Boaretto (BA), Santiago Cao (Argentina) e Bia Medeiros (RJ/DF) foi de aportar embarcação pirata por cinco dias em Trancoso e cinco dias em Arraial d'Ajuda para instaurar heterotopias nômades. Dois dias iniciais, em cada cidade, para pesquisar o lugar, afinar escuta, fazer mapeamento poético, tecer etnografia própria, pesquisar materiais, falar com pessoas, descobrir estórias, conseguir objetos, propostas e lugares possíveis para realizar a ação. Um dia para organizar o que quiser.

E mais dois dias restantes para executar as ações e acompanhar as ações do bando.

pg.116

A II MOLA¹⁹ se deu como residência nômade, artística, em que pessoas de lugares distintos se encontraram para compartilhar processos, trazer bagagem subjetiva, cozinhar sabores, saberes outros, com-viver, deixar-se vulnerável ao espaço e permitir manchas na paisagem, costurar manto de arlequim (SERRES, 2001), onde cada um e uma trazia um pedaço de retalho, fragmento do próprio corpo como gesto e experiência contaminada daquele toque. Duas cidades do sul do estado, costa da Bahia. As ações diversas envolviam nudez, construção de outro corpo a partir de ossos de açougue e restos de coração de galinha, açúcar, facão, folhas caídas, latinhas coletadas do lixo, açai, abandono, mangue, urucum, menstruação, delicadezas poéticas, movimentação de signos, afectos, cultura local, estranhamentos, outramento, regimes sensíveis em ebulição, trânsito, (in)diferenciação. Fueguito de vaga-lumes incendiando, alumbrando, lugares possíveis. Heterotopias nômades.

Saio sem rumo. Busco escuta. Passam praças, bicicletas, pessoas. Desejo saber lugar pelo gosto, por quem vive ali. Nada mediado por livros, internet, informações, dados, datas. Qualquer coisa que pulsasse mais vitalidade, algo honesto e simples.

Drogado de saber? Gosto que o saber faça viver, cultivo, gosto de fazê-lo carne e casa, que ele ajude a beber e a comer, a andar lentamente, a amar, morrer, renascer, às vezes, gosto de dormir em seus lençóis, que ele não seja exterior a mim. Mas ele perdeu esse valor vital, até seria preciso que nos curássemos do saber. (SERRES, 2001: 101)

Uma senhora negra sentada na calçada em uma cadeira de fios de plástico me cativa. Nagô, linda. Olhar calmo de jabuti. Eu queria algo não sabido, arrisquei:

– Com licença, senhora. Que horas são? perguntei.

– Me deixa ver...

Olha no relógio de pulso fora do pulso. Atesta ausência de tempo. Ri.

Pergunta para alguém que vai olhar tempo fugido dentro do casebre.

Alguém volta com informação:

– Duas e trinta e cinco... – Agradecida, senhora... dou um passo atrás.

nota n. ¹⁹ <http://mola2013.blogspot.com.br/>

pg.117

– Você é daqui moça? pergunta ela.

– Sou não senhora, tô só de passagem.

– Hum. Qual é seu nome?

– Meu nome é Maria, e o da senhora?

– O meu é Bernarda, fia. Quer sentar? Vou passar um café.

Convite aceito. Tarde de escuta. Lembrou minha vó, da roça, ofendida de cobra. Filha de escrava com português. Tempos idos plantava cana para fazer rapadura. Arrumava os fardo doce nas costa do jumento rumo à cidade. Era duro. Trocava rapadura por farinha, comida, tecido pra fazer vestido bonito costurado à mão para ir ao baile, à igreja. Às vezes sozinha tocando jumento com vara, iluminada pela lua, dava sorte se ele não empacasse pelo caminho. Se era lua nova, os pé sabia sozinho, pisava na costa de areia, descalço, escutando a maré subir. Às vezes tava melhor de plantar café, tendo sempre a subsistência garantida no quintal. Num tinha moeda, esse papel que hoje em dia vale mais que a vida da gente.

– Tá vendo esse saco de café? Disse ela, indignada. Quase cinco mirréis no mercado. Pago quatro porque já sou do conhecimento de todo mundo, desde sempre. Era tudo trocado. Um dava farinha, outro peixe... assim muitos anos.

Goles de café, ciclos de açúcar. Calos nas mãos, pele, falésias, marcas, dobras, rugas, coisa antiga, serena. Sorriso largo. Dentes firmes. Vó preta. Hospitaleira. Contou, generosamente, sua história. Que como íntima revela tessituras de camadas que se infiltram no social, político, se misturam às Veias abertas da América Latina²⁰. Senti vontade de retribuir, desfiar algum gesto que pudesse reverenciar o percurso daquele corpo que são muitos no mundo. História, que como tantas nem chegam a ser contadas, ouvidas. Que é plena de comum, absolutamente singular. Um corpo que guarda em si a memória de um país inteiro, gênese, fruto da colonização, lugar de re-existência, fresco, aberto ao outro, portador elegante de cicatrizes de guerra. Dona Bernarda.

nota n. 20 **GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.**

pg.118

Olhei as ruas no caminho de volta: muitas bicicletas, carrinhos-de-mão. Pés de chinelo. Sol ardido. Luz farta. Praça estranha, com um buraco dentro. Fui assuntar. As crianças que brincavam ali disseram: "*buraco de guaiamú*".

– Guaiamú?! Que é isso? indaguei.

– Aquele caranguejo azul que come lixo, urubu sem asa. Riram elas.

Foi assim: antes havia uma ocupação com muitas casas. Certo prefeito derrubou todas, mandou as pessoas para uma periferia qualquer, bem distante do centro comercial, sem a menor infraestrutura e depois construiu uma praça, d(en)ominada (CAO, 2013) Praça da Independência. O prefeito seguinte, não satisfeito, destruiu o parquinho da praça,

derrubou as árvores e fez um teatro de arena, odiosamente apelidado de buraco de guaiamú. A praça foi projetada para que as pessoas não a habitassem. Ainda assim, as crianças desatinadas vão lá para brincar.

Desta forma, elas armavam quilombo lúdico, criando independência onde não havia. Tudo em tempo afetivo, desincerto de datas. Parti dali como re-existência, afirmando lugar possível. Na rota urbana em busca de sacas de açúcar encontrei a versão hiperindustrial antropofagizada (STIEGLER,2007): açúcar Caeté. Caeté era uma etnia indígena, atualmente considerada extinta. Foram descritos como povos que praticavam o canibalismo. Dizem que eles comeram o bispo Dom Pero Sardinha, primeiro padre em missão jesuíta no Brasil. Esse marco deu origem ao Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade. Eles foram massacrados pelos portugueses por serem considerados inimigos da civilização e de deus.

Resquícius de contra poderes encontrados pelo caminho. Dados mínimos que atestam micro heterotopias, quietas e desordeiras. Bicho geográfico carcomendo carne por baixo da pele. Camadas de véus sendo retiradas, uma a uma, sem nunca terminarem. Manto de Arlequim (SERRES, 2001), misturado, historiado, rasurando obviedades.

Como Arlequim que despe seus velhos trajes e suas antigas peles, também nos despimos, frequentemente, ante os embates da sorte, da crueldade natural e do ódio que ronda à espreita de suas presas. E foge para atrás de caixas e véus. (SERRES, 2001, p.148).

pg.119

Esse manto de arlequim tecido de peles negras, índias, brancas, cuspidado com pólvora, embebido na cachaça de alambique, puído por turismo, gentrificação, mestiçagem, alvejado com brisa, mar de azul-vários-tons, insuperável para retina, cravado de balas, ornado com exuberância verde, sons de pássaros, recanto preservado, ainda que rajado, ferido, relevos de queloides, de falésias. Desse manto, puxo o fio.

Desfaço tecelagem que se reconstitui a cada milésimo de fio puxado, se desterritorializa, se re-territorializa. Fio de conduzir em labirinto, de amarrar cabaça pra carregar água, fio de sisal que espeta a mão, de linha de náilon, ponto a ponto, para fazer rede de peixes, rede da varanda rangendo na parede da garganta onde mora o silêncio.

Desfia(dor): carrinho-de-mão, pá, 60kg de açúcar Caeté. Da Praça da Independência, buraco fundo de guaiamú a coletar restos, colecionar rejeito e depois comer, dei começo. Canivete na mão, saco a saco, lâmina afiada, golpe, corte na pele do plástico a verter cristais brancos. Doce escorre ampulheta no carrinho-de- mão. 60kg: mais que meu peso corporal. Quase nada, tudo que eu pude levar.

Tracei cicatriz, veia aberta até Praia dos Coqueiros. Caminho lenta, o duro arrastando doce rumo ao mar. Mar, a-mar, amargo, de onde veio veios que se cruzam, mesclam, mestiçam, genética, tons de pele, vibratilidade de corpos em dissenso que se desorganizam. Passo a passo ofegante. Doem mãos, suor impregnado de açúcar torna a alça do carrinho escorregadia. Derreto a cada passo, baixo ao sol. Queima a pele. Arranco blusa, enrolo na mão para anestesiar a estesia dos calos: mão vermelha, inchada de força que não tenho.

No caminho gritam pra mim:

– Mulata!

Jamais, em outro contexto, que não fosse o de assumir um trabalho que tritura o corpo, deixando os “ossos humilhados” (SERRES, 2001), eu, na Bahia, com pele mais clara que a maior parte da população, não sendo reconhecida socialmente como mulher negra, seria remanejada simbolicamente para ocupar esse lugar. O trabalho braçal, escravo, degradante, fez corpo marejar em terra firme, reconfigurando regimes sensíveis (RANCIÈRE, 2009). Esforço, suor, desgaste, suor, repetição que cria diferenças.

Lugar possível de re-conhecimento, tornando o corpo

pg.120

vibrátil (ROLNIK, 2006) vulnerável à alteridades. Outramento bem-vindo. Quando gritam “mulata!”, não é ao corpo orgânico que falam, nem à superfície da pele que desmente tal biologia. Gritam ao corpo que vibra por debaixo da pele e que não se encerra na mesma, e eu, só pude acessá-lo abandonando privilégios. Jogo-me na tempestade variável, arrisco, risco e rasuro a pele, margens para (des)conhecimento. Heterotopia nômade, nau pirata versus caravelas.

Cruzo igreja caiada, centro da vila, piso asfalto, terra fina, paralelepípedos de pedra. Fileira de toco de pau enfincado no meio da rua indica aos carros interdição, não devem transitar pela praia. Não tem volta nem rodeio, via única. Nem força não tenho para arribar carrinho. Um (des)conhecido ajuda, solidariedade festeja. Quatro mãos dividem melhor o fardo. Passado o obstáculo, re-existimos. Ladeira abaixo desespera, é mais difícil sustentar o carrinho para que não tombe, ele e eu, com objetivo de chegar há-mar. Suportar sucessão de circunstâncias seca a goela. Sede de descolonizar afectos faz roçar: ar roça na boca, que quando sai erra, desgramatiza palavras. Ou só roça, ou só silêncio que nem boca tem pra dizer. Isso ou nem, pois tudo misturado.

Menor cosmopolitismo não tem.

Do que é lento, exaurindo: moinho de tempo esfarelando o útil por via da ação, infiltrando-se em camadas de tempo não cronológicas. Ao mesmo tempo em que mói a utilidade por via do trabalho degradante, inutiliza a utilidade trabalhando-a. Repete o trabalho até que ele perca o nome, diferença pela repetição, novamente. Por petulância ou por fracasso, o corpo vibra em outro tempo, reivindica o gesto como fim em si mesmo. Vem a ser em descompasso, inutilidade como potência política.

O gesto faz viver lugares possíveis (ROLNIK, 2006) compondo partilha do sensível no seio da comunidade em que atravessa (RANCIÈRE, 2009). O duro adoçado, o doce endurecido: rapadura. Inversão do açúcar.

Não importa a fadiga ou a dor que o corpo tenha de sofrer, atacado de mil males, abatido pelo trabalho ou pelos sofrimentos, ele sempre consegue erguer uma parede para proteger um espaço sadio onde se salva a instância que estremece de alegria e de esperança continuamente, no perigo ou na proximidade mortal, por mais extensos e profundos que sejam os golpes. Ele recomeça a secretar e a construir uma parede em cada recinto, tirado ou cedido pelo exterior. Foge, pois, de caixa em caixa, dos gritos ao silêncio. (SERRES, 2001, p.148).

pg.121

A exaustão física deixa o corpo orgânico escorrer pelo ralo. De forma paradoxal, o que suga a vitalidade, nessa ação, é o que faz o corpo vibrátil reverberar. O máximo da força é empregada para torna-lo vulnerável, outro. O trabalho torna-se um esforço profundo, encontra frestas para que a inutilidade surja como efeito político, reorganizando regimes sensíveis (RANCIÈRE, 2009). Se o calo anestesia a pele, a mão busca o calo para estesiar o corpo (SERRES, 2001). O calo, aqui, seria mais uma dobra da mão sobre si mesma, que a faz permear outros lugares de sensação e consciência. Olho para a ferida, um encontro (FIADEIRO & EUGÉNIO, 2012). A cada passo, uma gota de vitalidade a menos, uma reverberação de vibratibilidade a mais.

O chão decompondo-se em grãos, doce e duro, suave, macio, áspero, denuncia praia. Pequeno cais de acesso, calos pés, mão arrebatada, rebentam bolhas. Um homem se aproxima, pergunta:

– É sal?

Respondo com gesto, não quis anestesiá-los com palavra, identificar, nomear ou prever. Pego um punhado da areia branca do carrinho, ofereço. Ele experimenta, sabe pelo gosto. Arrisca-se, sem hesitar.

Penetrou a matéria, abriu poros para inusitado, caminho extra(via)do:

– É doce, isso. Que vai fazer com açúcar? Que doidera!

Silêncio. Sorri cansada e segui empurrando.

Ele arrancou a camisa ébria, amarrou no carrinho e me ajudou a alavancar a roda movediça pela areia. Depois seguiu em desatino em não sei por onde. Não por precisão, nem utilidade, afecto apenas, assim ajudou. Sorte de loucos, acaso.

Insisti por alguns metros, ondas beija-pés desequilibrando em beira mar. Se objetivo era a-mar, deixei-me seduzir pelo encontro inaudito. Precisava ser escolhida de local, deambular até encontro. Sem corpo, já massa de vapor quente condensada em brisa marítima, acomodei carcaça de metal junto à minha. Larguei alça, fui pegar pá. Esse movimento do polegar opositor, que diferencia hominídeos de outros primatas não era viável para mãos rebentadas de vulnerabilidade. Mãos côncavas, duras, exauridas.

pg.122

Era preciso pedir licença: *Agô Ya. Odociá Yemanjá!* Senti presença do ínfimo, meu corpo exposto, quase nada em relação ao horizonte sem-fim. Presença do mar, infinitamente maior que toda minha possibilidade inútil de adoçá-lo. Essa honestidade traz a violência das ondas arrebetando em pedras. Traz a fluidez que conecta todos os continentes e enreda nós no abissal do tempo. Encontro de densidades em que se pode flutuar. Comi de paisagem, o corpo grita ser diante das últimas consequências. É para lá, onde não se situa que sigo. Tomei pá em mãos frouxas, e joguei, uma a uma, esvaziando recipiente para fazer soro. Receita antiga dada por vó: água, sal, e um punhado de açúcar (...)